

CAPÍTULO 16 -

447A12-448A1

447a12 Mas há também outra objeção desse tipo levantada acerca dos sentidos: se pode acontecer que dois sentidos atuem simultaneamente no mesmo ponto indivisível do tempo, ou não?

447a14 Se um movimento maior sempre suplanta um menor — razão pela qual as pessoas não percebem o que é trazido diante de seus olhos se estão intensamente pensando em algo, ou com medo, ou ouvindo um som alto... — Suponha-se isto, então, e também que se pode perceber algo melhor quando existe como simples do que quando misturado: por exemplo, vinho não misturado pode ser melhor percebido do que vinho misturado; e mel; e cor; e uma nota isolada melhor do que uma com a oitava, porque uma obscurece a outra. Ora, são as coisas a partir das quais se faz algo uno que fazem isso.

447a21 Se, então, um maior suplanta um menor, então, se são simultâneos, mesmo o primeiro é, necessariamente, menos capaz de ser percebido do que se estivesse sozinho. Pois algo é retirado pela mistura do menor, se de fato tudo que é simples é mais capaz de ser percebido. Portanto, se são iguais, mas existem como separados, nenhum será perceptível, pois cada um obscurece o outro; e é impossível perceber qualquer um deles como simples. Portanto, ou não haverá sensação, ou haverá uma diferente a partir dos dois. Isso parece ser produzido por coisas misturadas, quaisquer que sejam elas misturadas.

447a29 A partir de alguns objetos, algo mais pode ser feito; mas a partir de outros não, e esses são objetos que caem sob sentidos diferentes. Pois objetos que podem ser misturados têm extremos que são contrários. Mas um objeto não pode ser feito a partir de branco e agudo, exceto acidentalmente, mas não da maneira como uma harmonia é feita a partir de agudo e grave.

447b3 Portanto, não é possível percebê-los simultaneamente. Pois quando seus movimentos existem como iguais, eles se suplantam mutuamente, porque um movimento não é feito a partir deles. Mas se são desiguais, será o mais forte que causará a sensação.

447b6 Além disso, é mais provável que a alma perceba simultaneamente dois objetos de um sentido, como agudo e grave, com um único sentido: pois é mais provável que movimentos de um sentido ocorressem simultaneamente do que de dois, por exemplo, visão e audição.

447b9 Mas não é possível perceber dois objetos simultaneamente com um, se não tiverem sido misturados. Pois uma mistura tende a ser uma coisa. Mas uma potência sensorial em um momento tem um único objeto. E ela própria é uma naquele momento. Portanto, ela necessariamente percebe misturas de uma só vez, porque percebe por meio de uma potência sensorial em ato. Pois,

como numericamente uma em ato, ela tem um único objeto; mas como especificamente uma, ela é uma em potência ou poder.

Portanto, se é uma potência sensorial em ato, dirá que é um único objeto. Portanto, eles são necessariamente misturados. Portanto, quando não são misturados, haverá dois sentidos em ato. Mas, com respeito a um poder, em um momento indivisível, há necessariamente apenas uma operação, pois há apenas um uso, e um movimento, de uma coisa em um tempo, e é um poder. Portanto, não é possível perceber simultaneamente dois objetos com uma potência sensorial.

447b21 Mas se isso é impossível simultaneamente no caso de objetos que caem sob a mesma potência sensorial, se são dois, é óbvio que é ainda menos possível perceber simultaneamente objetos de dois sentidos, como branco e doce.

447b24 A alma parece dizer que algo é numericamente uno por nada além deste "de uma só vez"; mas parece dizer que algo é especificamente uno pelo sentido que julga e pelo modo. Quero dizer o seguinte. Um mesmo sentido próprio julgará que, digamos, branco e preto são diferentes. E um sentido, diferente daquele, mas ele próprio o mesmo, julgará que doce e amargo são diferentes. Eles julgam cada um dos contrários de uma maneira diferente, mas julgam os elementos correspondentes da mesma maneira: Por exemplo, assim como o paladar julga o doce, a visão julga o branco; e assim como esta julga o preto, aquele julga o amargo.

Comentário

447a12 Tendo resolvido duas questões, aqui o Filósofo segue a terceira, que é do ponto de vista da própria potência sensorial.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, levanta a questão. Segundo, argumenta a favor da posição falsa onde diz *Se um movimento maior* (447a14). Terceiro, determina a verdade onde diz *Com respeito à objeção* (Cap. 18, 448b17).

Assim, ele primeiro diz que acerca dos próprios sentidos há outra objeção desse tipo levantada, a saber, se pode acontecer que dois sentidos percebam simultaneamente e no mesmo ponto indivisível do tempo, por exemplo, que enquanto a visão vê uma cor, a audição simultaneamente ouça uma voz.

447a14 Em seguida, quando ele diz "Se um movimento maior", argumenta a favor da posição falsa, tentando mostrar que dois sentidos não podem sentir simultaneamente.

Primeiro, ele apresenta argumentos para mostrar isso. Segundo, ele elimina uma solução falsa pela qual essa posição era mantida, onde diz "Alguns dos que discutem as sinfonias" (Cap. 17, 448a 19).

Sobre o primeiro ponto, ele apresenta três argumentos. O primeiro é baseado nas alterações causadas pelos objetos sensíveis. O segundo é baseado na própria faculdade sensorial; começa onde diz "Além disso, é mais provável" (447b6). O terceiro é baseado na contrariedade dos objetos sensíveis; começa onde diz "Além disso, se os movimentos dos contrários são contrários" (Cap. 17, 448a 1).

Ele prefacia o primeiro argumento com duas suposições.

A primeira é que um movimento maior repele um menor. Por causa disso, ele diz, resulta que muitas vezes os seres humanos não sentem o que está sob seus olhos, devido a um movimento mais poderoso. Isso pode ser um movimento interior, seja da razão, como quando estão intensamente pensando em algo, ou da faculdade apetitiva, como quando estão intensamente com medo. Ou pode ser um movimento exterior causado por algum objeto sensível, como quando estão ouvindo um som alto. Isso, então, ele diz, deve ser suposto como evidência.

A segunda suposição é que qualquer coisa é sentida melhor se for simples do que se for misturada com outra coisa, assim como o vinho tem um sabor mais forte se for puro do que se misturado com água. O mesmo vale para o mel em relação ao paladar; e para a cor em relação à visão. E, com relação à audição, vale para uma única nota, que é melhor sentida se estiver sozinha do que se ouvida em harmonia com outro tom, como a oitava, ou em qualquer outra harmonia. Isso ocorre porque as coisas misturadas umas às outras se obscurecem. Mas essa segunda suposição se aplica apenas a coisas das quais uma coisa pode ser feita, pois apenas tais coisas são completamente misturadas.

447a21 A partir dessas duas suposições, ele avança quando acrescenta "Se, então, um maior repele um menor".

Ele diz que se um movimento maior repele um menor, como diz a primeira suposição, então, se ambos os movimentos são simultâneos, mesmo o maior é necessariamente menos capaz de ser sentido do que se estivesse sozinho, porque algo dele é tirado pela mistura com o menor, como aparece na segunda suposição, ou seja, que o que é simples é mais capaz de ser sentido do que o que é misturado. É significativo que ele tenha dito "se eles são simultâneos", porque às vezes o movimento maior é tão forte que não permite que outro movimento ocorra, e então ele não é diminuído de forma alguma por um movimento menor, porque não há nenhum. Mas se ele não prevalece a ponto de impedir completamente que o movimento menor ocorra, então, enquanto os dois movimentos existem, o movimento menor necessariamente obscurece o maior em certa medida. Portanto, se os movimentos são completamente iguais, mas existem como diferentes, nenhum será sensível, porque cada um obscurece totalmente o outro — a menos que talvez dos dois movimentos um movimento seja feito por mistura, mas então o que é simples neles não pode ser sentido. E assim deve ser ou que nenhuma sensação dos movimentos iguais ocorre, ou que há uma sensação diferente composta de ambos, isto é, na medida em que o que é sentido é composto dos dois. E isso é claramente o caso em tudo que é misturado, porque a mistura não é nenhuma das coisas que são misturadas, mas algo diferente composto delas. É claro, então, do que foi dito que se dois movimentos são desiguais, o maior obscurece o menor, mas se são iguais, ou nada ou uma mistura é sentida.

447a29 E a partir desses pontos ele prossegue.

Ele propõe que existem alguns objetos dos quais alguma coisa pode ser feita, mas existem alguns dos quais uma coisa não pode ser feita, e tais são objetos, como cor e odor, sentidos por diferentes sentidos. Pois apenas aqueles objetos podem ser misturados nos quais os extremos são contrários, porque a mistura ocorre por alteração. Mas objetos que são sentidos por diferentes

sentidos não são contrários entre si e, portanto, não podem ser misturados. Por exemplo, algum objeto uno não é feito de uma cor branca e um som agudo, exceto talvez acidentalmente, na medida em que se reúnem no mesmo sujeito; mas não por si, da maneira como uma harmonia é constituída a partir de um tom grave e um agudo.

447b3 A partir disso, ele conclui que de modo algum é possível sentir objetos de diferentes sentidos simultaneamente, porque se seus movimentos são iguais, eles se destruirão completamente, já que uma coisa não pode ser feita deles; mas se são desiguais, o movimento maior prevalecerá, e apenas ele será sentido.

447b6 Em seguida, quando ele diz "Além disso, é mais provável", ele apresenta o segundo argumento, que é baseado na unidade e pluralidade dos sentidos. Ele argumenta pela negação do que é mais provável.

Parece mais provável que a alma seja capaz de sentir simultaneamente dois objetos pertencentes a um sentido — como som agudo e grave nos sons — por meio de um único sentido, do que seja capaz de sentir simultaneamente objetos diferentes pertencentes a diferentes sentidos por meio dos dois sentidos. Ele dá a seguinte razão para isso. Na medida em que os movimentos são mais diferentes, parecem menos capazes de ser atribuídos à mesma coisa. Mas dois movimentos pelos quais a alma, por meio de diferentes sentidos, sente objetos diferentes pertencentes a gêneros diferentes são mais diferentes entre si do que dois movimentos pelos quais a alma percebe por meio de um sentido objetos diferentes pertencentes ao mesmo gênero. Portanto, parece mais provável que pudessem estar simultaneamente em uma alma movimentos de um sentido em relação a diferentes objetos sensíveis do mesmo gênero, do que movimentos de dois sentidos, por exemplo, visão e audição.

447b9 Tendo apresentado essa comparação, ele elimina o que parece mais provável.

Ele diz que não é possível sentir simultaneamente, por meio de um sentido, dois objetos, a menos que os dois tenham sido misturados, e então, quando misturados, não são dois objetos, porque uma mistura é naturalmente algo uno.

Ele prova da seguinte maneira que um sentido não pode conhecer simultaneamente várias coisas, a não ser na medida em que elas se tornam uma coisa por meio da mistura. Uma potência sensitiva pode estar em ato em um único momento apenas com relação a um único objeto, assim como o termo de qualquer operação ou movimento só pode ser algo que é uno. E uma potência sensitiva em ato deve, em um mesmo e único momento, ser uma e a mesma potência sensitiva em ato; pois nenhuma potência recebe formas diferentes simultaneamente. Assim, se uma potência sensitiva, por exemplo a visão ou a audição, precisa sentir várias coisas simultaneamente, ela necessariamente as sente na medida em que foram tornadas uma pela mistura, porque a potência sensitiva sente as duas coisas por meio de uma potência sensitiva em ato – isto é, uma operação sensitiva. Uma potência sensitiva em ato – isto é, uma operação sensitiva – tem unidade numérica porque tem um objeto sensível uno. Mas é especificamente uma potência sensitiva em ato – ou uma operação sensitiva – porque é una em potência ou capacidade. Por exemplo, todas as visões de qualquer coisa visível são especificamente as mesmas devido à unidade da potência; mas a visão de uma coisa difere numericamente da visão de outra.

Portanto, se é uma potência sensitiva em ato, deve "dizer" – isto é, julgar – um único objeto. Portanto, se há muitos objetos, eles devem ser misturados em um só. Portanto, se não estão misturados, deve haver dois sentidos em ato – isto é, duas operações sensitivas. Mas necessariamente há apenas uma operação de uma potência em um mesmo e indivisível momento, porque só pode haver um uso, e um movimento, de uma coisa por vez. Assim, já que a operação sensitiva não é nada além de um "uso" no qual a alma usa uma potência sensitiva, bem como um "movimento" da própria potência, na medida em que o sentido é movido por uma coisa sensível, portanto, já que um sentido é uma potência una, não é possível sentir simultaneamente dois objetos com um sentido.

447b21 Portanto, se os objetos de um sentido não podem ser sentidos simultaneamente se houver dois deles, parece claro que é ainda menos possível sentir simultaneamente objetos de sentidos diferentes, como branco e doce.

447b24 Em seguida, ele esclarece esta inferência.

Ele diz que a alma parece julgar que algo é numericamente uno de nenhuma outra maneira senão a coisa sendo percebida por ela de uma só vez, pois a própria operação sensitiva é numericamente una na medida em que é de uma só vez, como foi dito. Mas a alma diz que algo é especificamente uno não porque este último é sentido de uma só vez, mas porque é o mesmo sentido que julga cada um dos dois objetos, e porque é a mesma maneira pela qual sente cada um. Para explicar o que disse, ele acrescenta que o mesmo próprio uno – isto é, a mesma potência sensitiva própria – julga dois objetos diferentes, a saber, branco e preto. Da mesma forma, um sentido que é ele mesmo o mesmo julga doce e amargo, pois ambos são apreendidos pelo mesmo sentido, a saber, o paladar. Mas este sentido que, sendo o mesmo, conhece doce e amargo, é diferente daquele que conhece branco e preto. No entanto, um mesmo e único sentido conhece cada um dos contrários de maneira diferente: pois conhece um como posse e algo perfeito, e o outro como privação e algo imperfeito, já que todos os contrários se relacionam desta forma. Contudo, a maneira como ambos os sentidos conhecem os elementos correspondentes – isto é, os princípios que analogamente correspondem uns aos outros – é a mesma: pois a visão sente branco da mesma forma que o paladar sente doce, e o paladar sente amargo como a visão sente preto.

Portanto, está claro que a alma julga que as coisas são especificamente diferentes ou por uma potência sensitiva diferente, como no caso de branco e doce, ou por uma maneira diferente de sentir, como no caso de branco e preto; mas julga que uma coisa é numericamente una ao percebê-la de uma só vez. Se, então, é impossível que o que é especificamente uno seja numericamente uno, parece ser impossível para a alma sentir simultaneamente tanto as coisas que são conhecidas por sentidos diferentes, quanto mesmo as coisas que são conhecidas por um sentido mas de maneiras diferentes, e que parecem ser menos diferentes entre si do que as coisas conhecidas por sentidos diferentes.